

MAIO DE 1968

Marcus Vinícius Costa da Conceição*

A França foi o berço de importantes revoluções que transformaram a configuração do mundo contemporâneo. Indo da Revolução Francesa ao Maio de 1968, a França viveu quase 200 anos de intensos conflitos sociais que foram responsáveis por influenciar de forma decisiva a contemporaneidade.

A Revolução Francesa foi responsável por espalhar os ideais iluministas pelo mundo e tornar a França um país em que os movimentos revolucionários se tornaram importantes pontos de contraponto à política oficial do Estado, como pode ser visto na Comuna de Paris e no Maio de 1968.

A especificidade da sociedade francesa é marcada por essa onda revolucionária¹, sendo que a última é justamente o Maio de 1968. Pensar nessa especificidade é a grande questão que se remete a compreender como a França foi o berço de tantas revoluções e como as lutas sociais encontram tão grande respaldo dentro desta sociedade.

O olhar será voltado, especialmente, para o período pós- Segunda Guerra Mundial, onde as bases sociais que eclodiram no Maio de 1968 foram formadas, em especial pela dinâmica política que a França vivia naquele período, com a presidência de Charles de Gaulle, a Guerra da Argélia, a Guerra do Vietnã, a própria crise do regime de acumulação intensivo-extensivo.

Os estudantes foram os grandes responsáveis pelo início das manifestações e por uma presença maciça nas grandes manifestações e na ocupação da Sorbonne, durante os dias de Maio. A grande questão a ser levantada é: por que esse protagonismo dos estudantes?

* Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Militante do Movimento Autogestionário.

¹ Compreende-se aqui que o Maio de 1968 não foi uma simples revolta como alguns autores, por exemplo Lefebvre (1968), defendem. Na verdade, a junção entre estudantes e operários, a criação de conselhos operários, a recusa das instituições políticas tradicionais e a defesa da autogestão provocaram uma situação revolucionária.

Para Frédéric Bon², a crise que se instala na França, mas precisamente em Paris (mas não somente nela) é uma crise da autoridade e do poder. É justamente por isso, que esses estudantes serão os responsáveis pelo seu início, pois são neles que “os mecanismos de integração são mais fracos, que a autoridade do mestre é a menos justificada, por que é aí que ela é mais atingida pelas mutações científicas e técnicas” (BON in LEFEBVRE, 1968, 30).

A problemática abordada por Bon expressa esse não lugar através do qual esses estudantes estão inseridos: não são crianças, mas também não são plenamente adultos. Devido a esse fator, a autoridade (expressa até o início da fase adulta pelos pais) era transportada para o professor. No entanto, esse não reconhecimento pelo estudante da autoridade do professor, fez que com as relações se dissolvessem e entrassem em conflito. Não é por acaso, que um dos primeiros alvos das manifestações foi justamente a universidade com suas estruturas arcaicas e os exames escolares.

Os professores são professores, ponto. Naquela época, o mundo universitário vivia em plena Idade Média.

Por exemplo: um antigo direito datado da Idade Média proíbe os policiais de entrar na faculdade.

Há um monte de coisas fáceis de transgredir: era proibido afixar cartazes nas paredes, por exemplo. Assim, o poder universitário é completamente desconcertado pelo que acontece. Sente-se profundamente fraco. Não tem os meios de negociação ou de integração dessas repetidas “violações” das proibições. Resta-lhe apelar à força (DUTEUIL, 2008, 111-112).

A Internacional Situacionista tinha abordado a problemática da juventude e dos estudantes, em 1966, no que ficou conhecido como “Escândalo de Estrasburgo³”. O panfleto produzido procura discutir justamente qual o papel da juventude e como essa

² Cientista Político, membro da Fundação Nacional de Ciência Política e pesquisador do CNRS.

³ Em 1966, alguns estudantes próximos das ideias situacionistas candidatam-se ao diretório acadêmico da Universidade de Estrasburgo com o programa de destruição de diretório, ou seja, ele deixaria de existir enquanto órgão representativo dos estudantes, pois para estes estudantes esse órgão não cumpria mais a sua função e tinha se tornado apenas uma máquina burocrática. Após ganharem as eleições e não sabendo como concretizar a sua ideia, entram em contato com os situacionistas que escrevem o texto *Da miséria do meio estudantil* e que o diretório publica, acabando assim com todas as suas finanças e tendo seu fechamento decretado por um juiz pelo motivo de falência.

revolta juvenil poderia ser utilizada para a crítica contestatória e o combate à sociedade espetacular.

A revolta da juventude contra o modo de vida que lhe é imposto é apenas o sinal precursor de uma subversão mais ampla que englobará o conjunto daqueles que se sentem cada vez mais impossibilitados de viver. É o prelúdio da próxima época revolucionária. (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2001, 41)

Os estudantes já buscavam se organizar de uma maneira autônoma e autogerida nos anos de 1960. Isso ocorria em parte devido à crise organizativa das instituições políticas tradicionais (como partidos e sindicatos) atenderem às demandas que foram sendo criadas ao longo da década de 1960. Um dado interessante que o *Solidarity* (2003) traz é a taxa de filiação dos funcionários da Renault em Billancourt, a maior e mais antiga fábrica da montadora, segundo o qual não passava de 25%.

O PCF e a “sua” central sindical CGT (Confederação Geral do Trabalho) devido ao fato de estarem ligadas profundamente à URSS e às suas políticas tanto no âmbito interno, quanto no externo, práticas essas, consideradas muitas vezes autoritárias, acabavam afastando os militantes mais novos, que iam em busca de organizações que tivessem uma estrutura mais horizontal e que suas decisões não se baseassem em políticas engessadas.

A Universidade de Nanterre⁴ foi o palco das primeiras mobilizações estudantis de massa em 1968. Desde 1966 em Nanterre já começa a ocorrer um movimento estudantil que procurava livrar-se das amarras das organizações que dominavam o movimento estudantil, como a União Nacional dos Estudantes da França⁵ (UNEF) e as organizações de juventude União dos Estados Comunistas (juventude do PCF) e a Juventude Comunista Revolucionária (de tendência trotskista).

⁴ A Universidade de Nanterre só vai se constituir como um corpo universitário autônomo em 1970. Neste momento o que existia eram duas faculdades – Letras e Ciências Humanas (inaugurada em 1964) e Direito e Economia (inaugurada em 1966) – que funcionavam como uma extensão da Universidade de Sorbonne com o intuito de desafoga-la. A faculdade é construída em uma antiga base militar desativada em um subúrbio operário.

⁵ Fundada em 1907, sua organização estava baseada em uma visão de sindicalismo estudantil: tinha como objetivo organizar os estudantes para defender seus interesses materiais e morais, independentemente da sua política, filosófica ou religiosa, buscando assim melhores condições de estudo, melhor qualidade e uma Universidade que fosse aberta a todas as pessoas.

É nesse contexto de luta que o Movimento 22 de Março – de tendência libertária – é criado. A sua criação tem como estopim a prisão de 6 estudantes em uma manifestação para comemorar a vitória do Vietnã sobre os Estados Unidos realizada no dia 20 de Março de 1968. A partir desse fato, uma reunião é marcada para o dia 22 de Março e ali é criado o respectivo grupo. A maioria dos integrantes desse novo grupo – que tem como nomes mais conhecidos Daniel Conh-Bendit e Jean-Pierre Duteuil – já estavam mobilizados por diversas pautas em momentos anteriores na faculdade de Nanterre. Essas pautas incluíam desde a possibilidade dos homens frequentarem o alojamento feminino (que acabou ocasionando a ocupação desse alojamento por parte dos alunos em março de 1967), os problemas sexuais da juventude, a própria estrutura autoritária universitária.

Esses embates acabam levando a vários incidentes em Nanterre, como uma greve estudantil no final de 1967, o fechamento da faculdade com a ocupação da polícia em 27 de janeiro de 1968 e a ocupação do prédio da administração em abril de 1968. Não podendo mais permanecer em Nanterre, pois a faculdade é novamente fechada, esses estudantes migram para Sorbonne com o objetivo de continuarem os debates que eram realizados em Nanterre.

Ao chegarem na Sorbonne, no dia 02 de Maio, esses estudantes contam com um terreno fértil para a discussão de todas as pautas que já vinham sendo discutidas em Nanterre porém, não era do interesse da Universidade que aquele ambiente de ocupação e debates democráticos horizontais ocorresse ali.

No dia 3 de maio, sexta-feira, a CRS fez a sua visita à Sorbonne. Eles foram convidados por Paul Roche, reitor da Universidade de Paris. É quase certo que o reitor tenha agido com a conivência de Alain Peyrefitte, ministro da Educação, se não com a do próprio Elysée. Muitos estudantes foram sumariamente condenados (SOLIDARITY, 2003, 12-13).

Essa decisão fez com que se passasse de apenas uma mobilização estudantil para uma mobilização geral. As ruas do Quartier Latin – bairro que localiza-se a Sorbonne – são ocupadas, é convocada uma greve geral pelos sindicatos ligados a universidade (tanto o estudantil como o de professores) e a assim começa-se a mobilização de massas.

O confronto que ocorre entre a polícia e os estudantes no Quartier Latin amplia a dimensão da luta que estava sendo travada. Neste momento, tentando capitalizar o

processo, as principais centrais sindicais francesas convocam uma greve geral de 24 horas para o dia 13 de maio. A greve era para ter duração de somente um dia e assim conseguirem pressionar o governo de De Gaulle para obter alguns benefícios.

O que as centrais sindicais não esperavam era a insurreição da base operária que ocorre nas fábricas. Na Sud-Aviation jovens operários ocupam a fábrica e logo o processo segue em dezenas de fábricas por toda Paris. O interesse não era meramente salarial ou de benefícios, esses operários contestavam a própria dinâmica na qual estavam inseridos, da divisão do trabalho, do capitalismo, da sua própria alienação. Quattrocchi ao analisar o embate entre os sindicalistas e os trabalhadores deixa claro a posição dos operários diante das negociações sindicais: “O dinheiro não basta. Porque as fábricas são campos de concentração. Porque os homens descobriram a força que têm. Porque eles querem mais” (QUATTROCCHI, 1998, 136).

Além dessa recusa, nesse momento começa-se a se esboçar uma aliança operário-estudantil, que tanto amedrontava as centrais sindicais. Essas faziam de tudo para que os estudantes não tivessem contato com os operários que ocupavam as fábricas, pois tinham medo de que esses estudantes inflassem aqueles e com isso seus sindicatos perdessem mais ainda o controle.

É neste momento, que as ideias ligadas à autogestão começam a ganhar espaço entre os jovens (tanto operários como estudantes), tornando-se aos poucos uma das principais bandeiras de organização defendidas durante o Maio. Além disso, vários grupos que buscavam romper com o modo de fazer política tradicional e que defendiam a autogestão, começam a ganhar mais visibilidade na linha de frente das ações: O Noir et Rouge, Movimento 22 de Março, os *enragés*, a Internacional Situacionista, entre outros.

Esses pequenos grupos buscam uma saída à esquerda, em que o discurso, contra o capitalismo não seja apenas uma retórica, mas que a ação contra este seja efetiva. Tanto é que a maioria de todos esses grupos atuam diretamente nas ações do Maio de 1968 como forma de radicalizar as posições e de defender uma postura revolucionária diante do conservadorismo da esquerda tradicional e de suas pautas sindicais.

As ocupações da Sorbonne e do Censier fizeram com que naquele momento os estudantes discutissem e ampliassem as suas percepções sobre o que realmente se

passava em Paris e como a articulação entre operários e estudantes era fundamental para a construção da revolução que apontava no horizonte.

Quais eram as suas ideias? Basicamente, elas se concentraram em algumas proposições. O que era preciso, nesse exato momento, era um rápido e autônomo desenvolvimento da luta da classe trabalhadora, a organização de comitês de greve eleitos que fizessem a ligação entre os sindicalizados e não sindicalizados em todas as empresas e indústrias em greve, reuniões regulares dos grevistas de modo que as decisões fundamentais permanecessem nas mãos do trabalhador comum, comitês de defesa dos trabalhadores para defender os piquetes das intimidações da polícia, um diálogo constante com os estudantes revolucionários com o objetivo de restituir à classe trabalhadora sua própria tradição de democracia direta e sua própria aspiração à autogestão, que foi usurpada pelos burocratas dos sindicatos e dos partidos políticos (SOLIDARITY, 2003, 65-66).

Apesar de toda a luta dos estudantes e trabalhadores durante os meses de Maio e Junho, a contrarrevolução desencadeada pelo Estado francês e pelos partidos e principalmente pelas centrais sindicais francesas acabou levando ao fim dessa experiência. Como demonstra Viana (2015), a partir da derrota de Maio, uma reapropriação dos interesses dos estudantes e operários é realizada, mas buscando despolitizar esses temas, como a autogestão, e buscando assim torná-los compatível com os anseios do capitalismo.

O Maio de 1968 marca a explosão de uma luta contra o capital que já vinha sendo posta em prática desde o final da Segunda Guerra Mundial. A ação dos estudantes e trabalhadores durante aqueles dias foram cruciais para se criar uma nova frente de luta que influenciou e ainda influencia revolucionários por todo o mundo.

Referências

DUTEUIL, Jean-Pierre. O Movimento 22 de Março: entrevista com Jean Pierre-Duteuil. In: JOYEUX, Maurice *et alli*. *Maio de 68: os anarquistas e a revolta da juventude*. São Paulo: Imaginário; Faísca, 2008.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. A miséria do meio estudantil. In: INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Situacionista. Teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002.

LEFEVRE, Henri *et alli*. *A irrupção: a revolta dos jovens na sociedade industrial: causas e efeitos*. São Paulo: Editora Documentos, 1968

QUATTROCCHI, Angelo. O que aconteceu. In: NAIR, Tom; QUATTROCCHI, Angelo. *O Começo do Fim: França, Maio de 68*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

SOLIDARITY. *Paris: Maio de 1968*. São Paulo: Conrad, 2003.

VIANA, Nildo. Juventude, contestação e autogestão. In: *Juventude e Sociologia: ensaios sobre a condição juvenil*. São Paulo: Giostri, 2015.